

orgão da união dos estudantes portugueses em França

VASSO MC MARTINS

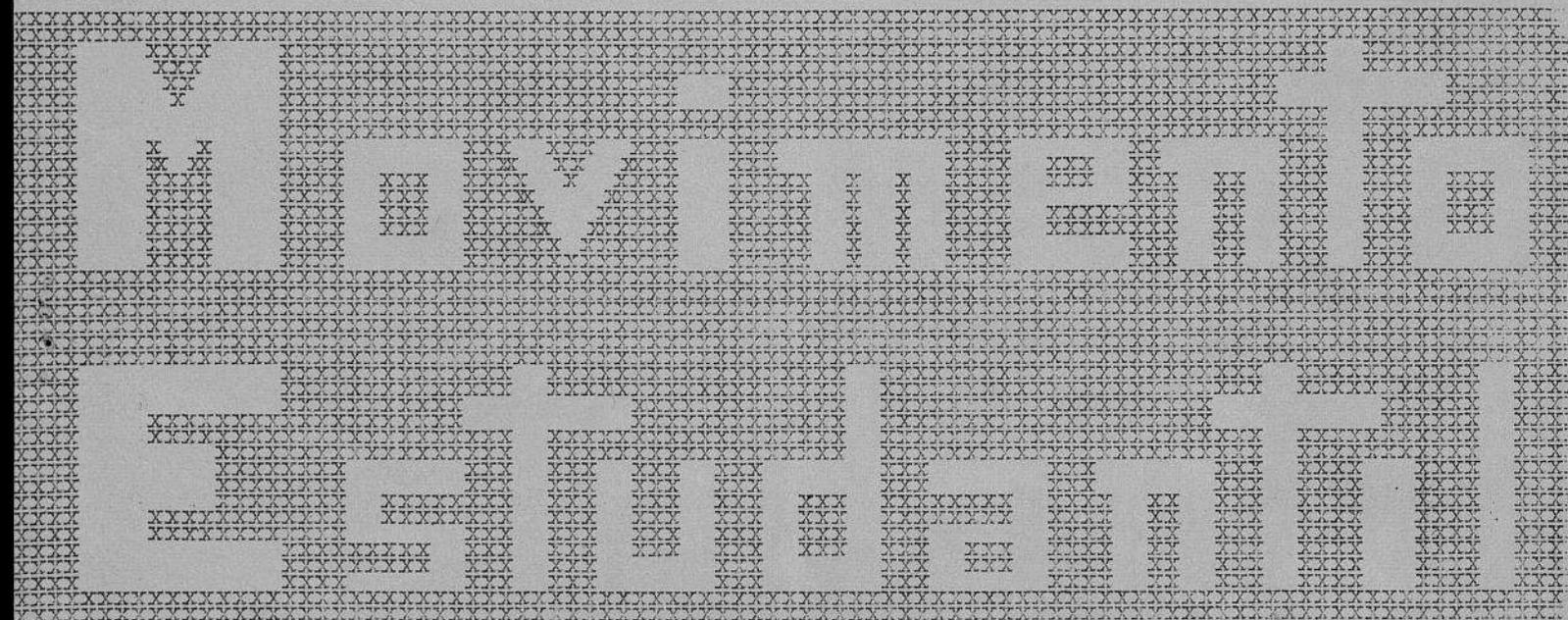
# PORTUGAL 66-67

---

JULHO

1967

---



UNIAO DOS ESTUDANTES PORTUGUESES EM FRANÇA

COMISSAO

# introdução

É uma constatação de facto que os jovens portugueses que se encontram no estrangeiro, e em particular em França, se veem em geral deficientemente informados sobre os problemas do seu país e da evolução recente da situação.

Esta informação tem, pois, por objectivo dar a conhecer em traços largos, aos portugueses que se encontram no estrangeiro, a evolução do Movimento Estudantil Português, no ano lectivo que agora finda.

Trata-se pura e simplesmente de uma informação, necessariamente parcelar, incompleta, reflectindo exclusivamente as informações e opiniões que chegaram até nós.

## **A . A . E . E . - L I S B O A**

### P O L I T I C A   G E R A L -

Os golpes que a repressão abatera em 64 e 65 sobre o Movimento Associativo foram bem menos graves do que os que haviam resultado da crise de 62. Em 65/66 o M.A. recupera rapidamente, tanto mais que se trata de um ano de relativa acalmia.

O ano de 65/66 caracteriza-se, pois, por:

1) actividade virada sobretudo para a escola;	2) debilidades das estruturas federativas;
3) contactos inter-academias;	4) aumento do número de sócios e colaboradores;
5) êxito de algumas realizações estudantis (Semanas de Recepção)	6) de positivo o facto de o M.A. ter ganho uma nova perspectiva ao colocar a libertação dos estudantes presos e o cumprimento das disposições legais como reivindicação sua.

VASCO MC MARTINS

No início deste ano lectivo as perspectivas apresentavam-se animadoras em Lisboa: direcções eleitas com boa votação (em alguns casos pos número record) êxitos das Semanas de Recepção, aumento do número de sócios e colaboradores. Havia, no entanto, grandes debilidades a superar: a ausência de uma linha tática justa que permitisse responder à situação concreta criada pelos novos tipos de repressão do MEN (digamos, repressão indirecta) para os quais as AEEE ainda não encontraram resposta adequada; constatava-se ainda debilidades das estruturas federativas, poucos contactos inter-academias, inexperiência dos quadros dirigentes.

As AEEE têm analisado os vários aspectos da politica governamental em alguns dos seus documentos:

(1) "Desde a variada legislação circum-escolar editada pelo MEN, até às sanções disciplinares aplicadas aos estudantes, um caminho longo se percorre. Porém os objectivos são bem evidentes:

-Retirar a representatividade às AEEE;

-Relegar para segundo plano a Autonomia da Universidade.

Realmente desde o dec. 40/900 que provocou anos de crise na Universidade, até ao recente 47/206 instituindo os Serviços Sociais e sobre o qual as AEEE já se pronunciaram através do Memorandum ao Grupo de Trabalhos sobre a Situação Económica dos Estudantes Universitários opinião que partilhamos em absoluto, desenrolou-se toda uma actividade retirando a representatividade às AEEE.

Entre estes dois decretos duas politicas governamentais podem ser postas em evidência: a primeira, que teve como porta-voz o prof. Paulo Cunha, realizava opções do tipo substituição do "Dia do Estudante" por "Dia da Universidade". Dirigia-se consequentemente à face anecdótica dos factos. A outra, representada actualmente pelo Prof. Galvão Teles, Ministro da Educação Nacional, é uma politica de longo prazo de asfixia das Associações.

Entre elas um denominador comum: pôr fim à unicidade associativa, provo-

cando artificialmente um pluralismo que na conjuntura actual vem de encontro às suas ambições optimistas.

Por outro lado, problemas graves existem: são eles as Comissões Administrativas em Ciências e em Coimbra, e a falta de legalização das Comissões Pró-Associação. Resultam as Comissões Administrativas de imposição ministerial, isto é, de uma Direcção na Associação nomeada especialmente para tornar o estudante apático aos problemas da Universidade, cortando-lhe a única possibilidade de ter dirigentes que defendam os seus interesses, uma vez que os elementos das Comissões Administrativas não são eleitos democraticamente por todos os estudantes.

E este, se bem que sintético, o panorama melindroso em que vivem as Associações."

(2) "O ano lectivo de 65/66, ainda que ensombrado por experiências ainda hoje não de todo desapreciadas, é já uma ano relativamente positivo, no sentido em que se inicia o retorno à escola intensificando o trabalho de base e 1966/67 assiste a um recrudescimento, em algumas escolas, da movimentação local em torno de temas internos (temas pedagógicos, nomeadamente), ao mesmo tempo que se promovem iniciativas de tipo cultural (de que o "Ciclo da Mulher" é o exemplo mais positivo em diversos aspectos) e se enceta uma necessária actividade de reorganização e reestruturação federativa.

A força das autoridades acaba por começar a força das Associações de Estudantes. O MEN sabe-o, e sabe também que a fronteira que as separa não se tem alterado substancialmente apesar dos 'altos' e 'baixos' verificados nos dois campos. Por isso que, logo a seguir ao

- .....
- (1) - Programa de Candidatura à Direcção da AEISCEF (Económicas) 67/68
  - (2) - "Revista de Estudos Associativos" da AAFDL (Direito), publicada pelo Gabinete de Estudos Associativos.

período em que a repressão atinge o seu máximo vigor (1964/65), é o próprio MEN que toma a iniciativa de promover a "suspensão das hostilidades". Primeiro com a nomeação do novo Reitor (sem embargo de o Prof. Paulo Cunha ter sido um bom executor da política ministerial, no período do seu reitorado), depois com a não realização das comemorações do "Dia da Universidade", e ainda com a nomeação para o cargo de Director da Faculdade de Direito de Lisboa (uma das escolas mais atingidas pelos processos disciplinares e uma das mais importantes do M.A. em Lisboa) do Prof. Adelino da Palma Carlos.

Claro que se trata menos de uma proposta de paz do que de uma abstenção sem concessões expressas, exigida por conveniências táticas. As "Comissões Administrativas" da Associação Académica, em Coimbra, e da Associação de Ciências, em Lisboa (a desta última a culminar o reitorado do Prof. Paulo Cunha), mantêm-se, sem que se deixe entrever que as autoridades manifestem o desejo de promover eleições, dissolvendo-as portanto. Afinal, e o que é mais importante, é preciso não esquecer que o Ministro não mudou. E o mesmo. Pelo que não é de esperar uma alteração substancial na política que tem vindo a ser adoptada. Trata-se outrossim de criar condições mais favoráveis à política de envolvimento que o MEN pretende pôr em prática - criação dos serviços sociais universitários, inauguração de duas ou três residências para estudantes (que até já promoveram uma "burricada"), a reforma da Moçidade Portuguesa e a promulgação do Estatuto da Educação Nacional. Iniciativas de que os estudantes se mantêm alheados, sobre que a Universidade não foi chamada a pronunciar-se.

Estamos num baixo e devemos pensar em preparar um alto, mas devemos ter em conta que o Ministério, estando num alto, irá querer prevenir um baixo. É necessário não confundir o acentuado desenvolvimento que neste momento já experimentam algumas escolas identificando-o com um progresso global do M.A. que, na verdade, ainda não existe neste momento. Fazê-lo seria elaborar num novo erro que iria comprometer gravemente as perspectivas que agora se abrem.

Os objectivos, neste momento, devem ser a inda a intensificação do trabalho de base; uma consequente política de alargamento e formação de quadros; o desenvolvimento dos temas pedagógicos em cada escola procurando auscultar os cursos, fazendo-os participar activamente através

## PROGRAMA DE CANDIDATURA À DIRECÇÃO

67 56

Lista apoiada pelos colaboradores da Associação

Jorge Melillo, Rui Santos, Rui Pires, Gabriel Vieira, Arthur Santos, Ana Lucas, Amélia Dias

da criação de comissões pedagógicas com possível participação de professores; a remodelação dos métodos de trabalho de propaganda, procurando torná-la sugestiva e imprimindo-lhe uma intenção formativa; retomar a iniciativa das realizações de convívio em moldes diferentes dos que têm sido adoptados de há dois anos para cá. Sobretudo procurar encontrar na auscultação directa das massas estudantis os tópicos em torno dos quais deverá ser desenvolvido o essencial da actividade associativa.

Por outro lado, é nessa actividade de alargamento e consolidação das estruturas de escola que se deve enraizar o trabalho de reorganização e fortalecimento das estruturas federativas, procurando prestigiá-las projectando-as na massa estudantil através de iniciativas de tipo cultural, encabeçando uma actividade de estudo e esclarecimento sobre as razões que nos levam a contestar as recentes iniciativas ministeriais.

A preparação do novo ano associativo deve arrancar de campanhas eleitorais preparadas em moldes diversos dos habituais, procurando encontrar, numa prévia discussão alargada a todas as escolas, as bases comuns de uma orientação dinâmica capaz de mobilizar desde logo o maior número possível de estudantes em torno de cada Associação."

Na situação actual o trabalho pedagógico tem um papel importante na política associativa das AAEE. A Revista de Estudos Associativos da AAFDL dedica um artigo a este aspecto do trabalho, onde se afirma:

"Nenhuma preparação profunda é precisa para que em determinado curso se generalize um protesto contra um mapa de exames inconveniente, contra a ausência de elementos de estudo. Também facilmente se adere a uma reivindicação visando alterações no quotidiano pedagógico, para todos convenientes. Mesmo para os mais tímidos isto nada

T R A B A L H O

P E D A G O G I C O

tem a ver com "política", é o protesto que ele sente directamente como legítimo e a que acha valer a pena associar-se.

Tais reacções notam-se fundamentalmente nos primeiros anos da vida escolar: por um lado mais juventude e combatividade, por outro menos sujeição, menos apatia, menos aproximação da "vida profissional".

Neste conjunto como facilmente se

percebe, devem as AAEE ter um importantíssimo papel. Nos momentos, como o que actualmente se vive na Universidade, em que não há uma consciência generalizada, em que não existem disposições colectivas que canalizem para lutas contra um sistema, contra um todo que é o actual regime de ensino, qual o papel que cabe aos movimentos académicos nomeadamente na luta pedagógica?

... Dissemos que o estudante médio é receptivo a todo o tipo de protestos e reivindicações em torno desses objectivos imediatos. Para desmistificação do conjunto, devemos começar exactamente por aqui: intensifiquemos em todos os anos, em todos os cursos, à volta de cada irregularidade da nossa escola, pequenas reivindicações. Alarguemo-las progressivamente de modo a incorporarem objectivos cada vez mais vastos, cada vez mais próximos, dada a crescente mobilização que implicam, do problema de fundo: a própria estrutura actual da Universidade. De problemas como a discussão em reunião de curso dum mapa de exames, poder-se-á abordar

a legislação vigente em matéria de exames e daí o próprio sistema de exames finais. Da luta por um diálogo ao nível do curso passar-se-á à luta por um diálogo na universidade. E de grau por grau, levando os estudantes a tomarem consciência e a aderirem a fins sempre mais vastos, surgirá a altura em que um facto por pequeno que seja os poderá agrupar em torno daquelas grandes reivindicações de base que por enquanto só unem as vanguardas.

... Pode-se perguntar: e então as actividades culturais, de convívio, etc.? Sem dúvida que são importantes, mesmo indispensáveis na actual fase, mas complementares da reivindicação básica, a pedagógica. São realizações que fundamentalmente se destinam a agrupar a massa de cada escola, a dar-lhe consciência da sua coesão e força são o cimento das grandes campanhas reivindicativas. O trabalho associativo é um todo e umas actividades subordinam-se às outras em cada momento que vivemos. No actual há que agrupar, fazer conviver, consciencializar os estudantes. Mas isto não é um fim em si. É antes uma preparação para os lançarmos na luta pela defesa dos seus interesses.

Há quem defenda, e nomeadamente

na nossa A.A. foi uma prática muito seguida no trabalho pedagógico, que este é fundamentalmente um trabalho de "papeis". ... É patente que tal tipo de trabalho não se integra na tática geral atrás esquematizada. E isto porque não participam os interessados na luta pelos seus problemas. Coloca-os num papel meramente passivo, limita-se a dizer-lhes: "descansem que estamos a tratar dos vossos interesses...". Ora para consciencializar é preciso fazer viver, é preciso interessar, fazer participar na luta que se lança. Só assim se criará verdadeiramente um movimento de massas, uma adesão. O trabalho paternalista, a descrença "a priori" nas possibilidades reivindicativas dos estudantes são processos totalmente inadequados no trabalho pedagógico, se de facto o quisermos tornar numa acção de massas.

... Há que consciencializar os quadros da A.A. da importância e significado desta perspectiva de acção, há que começar a organizar uma boa propaganda pedagógica, há que estruturar e lançar com o devido enquadramento campanhas progressivamente mais intensas de luta contra o ensino que se pretende impôr na nossa Universidade."

# esteiro 1

Março 1961

secção cultural da A.A.U.



## EDITORIAL

Estimamos perante o facto de edição de mais uma publicação cultural, pois que não parece ter sido despendido a consciência de que a publicação de um jornal cultural é uma tarefa importante, principalmente se nos referimos a uma publicação que se destina a ser lida e discutida por um grupo de estudantes.

Ora, esta edição de esteiro, faz parte de um trabalho de preparação de um grupo de estudantes da A.A.U. para a luta pela defesa dos seus interesses. Este trabalho é desenvolvido em conjunto com o trabalho de preparação de um grupo de estudantes da A.A.U. para a luta pela defesa dos seus interesses.

Ora, esta edição de esteiro, faz parte de um trabalho de preparação de um grupo de estudantes da A.A.U. para a luta pela defesa dos seus interesses. Este trabalho é desenvolvido em conjunto com o trabalho de preparação de um grupo de estudantes da A.A.U. para a luta pela defesa dos seus interesses.

# ESTATUTO da EDUCAÇÃO NACIONAL

E TUDO COMO DANTES UM ESTATUTO SEM OS ESTUDANTES (refrão de uma cantiga popular depois da aprovação do anunciado Estatuto da Educação Nacional)

(2) "Foi anunciada a futura promulgação do Estatuto da Educação Nacional, cujos trabalhos preparatórios, dirigidos entre outros pelos Prof. Emile Planchard e Delfim Santos (este último recentemente falecido), começaram já a ser publicados.

Em que consistirá o futuro Estatuto da Educação Nacional? Responda-se desde já com o pouco que se sabe: o Estatuto será como que um código do ensino, contendo a sùmula dos preceitos legais applicaveis a todos os ramos de todos os graus de ensino. Por isso, o Estatuto anuncia-se como a cúpula de todo o sistema educacional, ùltimamente abalado por tantas e tão variadas reformas.

...Natural seria que o projecto (Já elaborado) do Estatuto da Educação Nacional fosse amplamente discutido pelos interessados - por todos os portugueses duma maneira ou de outra interessados no ensino. Mas infelizmente - e também infelizmente nada há que estranhar aqui - resolveu-se que o projecto do Estatuto teria uma difusão restrita e os pouquíssimos exemplares existentes seriam considerados "reservados" ou "confidenciais".

...cuidaremos apenas dos pontos em que o Estatuto inova. Enumeremo-los:

1. Cria-se o ensino infantil oficial não obrigatório
2. Cria-se o seguro obrigatório para estudantes
3. Cria-se o semestre sabático (seis meses de fèrias de seis em seis anos) para os professores universitários

4. estes, por virtude de 3) serão obrigados a remodelar profundamente o seu ensino de seis em seis anos
5. cria-se a categoria de investigador universitário, distinta da docência
6. cria-se um novo grau universitário (talvez o bacharelato, a meio dos actuais cursos universitários, mantendo-se a licença e o doutoramento)
7. officialização, em diversos níveis de interpenetração, do ensino particular, que em certos casos poderá conceder, sòzinho, os diplomas escolares.

...Mas o que sobretudo interessa dizer do projecto de Estatuto da Educação Nacional é que:

- a. ele não reforma nem altera nada do que é essencial (falta de verbas para o ensino, deficiências do professorado, ausência de uma discussão nacional sobre os objectivos a prosseguir, deficiências dos programas, problemas da democratização,
- b. as reformas de pormenor que consagra são numa parte consequência das exigências da economia portuguesa e noutra parte inovações cujo alcance é parcialmente positivo,
- c. finalmente, last but not least, mais uma vez os estudantes são completamente esquecidos - tinham-no sido na elaboração do projecto; são-no, claro, no projecto elaborado em que não é prevista uma única forma de participação activa dos estudantes.

- .....
- (2) "Revista de Estudos Associativos" da AAFDL (Direito)

## ESTATUTO DA EDUCAÇÃO NACIONAL (cont.)

Com efeito, o projecto de Estatuto da Educação Nacional considera o estudante (de que o universitário é o protótipo) como um simpático bichinho que é preciso acarinhar, trazer nas palminhas (e aqui entra a velha sempre nova política de serviços) para evitar que ele cometa excessos (porque a imagem dos excessos a cometer persegue o legislador), para o conduzir ao bom caminho: "segurá-lo" (no duplo sentido da palavra). Mas considerá-los "uns homens" isso não, isso nunca; "uns homenzinhos" vá que não vá, que o senhor legislador é amigo e traz rebuçados aos meninos. Mais do que isso não.

Esperamos que não suceda a este projecto o que tem sucedido aos mais recentes diplomas legislativos do MEN: realizarem-se eficazmente na sua pior (e maior) parte para serem totalmente esquecidos no que têm de bom.

O Estatuto da Educação Nacional será - bem - o espelho do ensino duma época que nele se verá sem aprender nada (o duplo sentido em que pode e deve ser compreendida a expressão "não aprender nada" só aumenta a verdade de qualquer dos possíveis sentidos). "

VASCO MC MARTINS

CENTRO DE INTERCAMBIO E TURISMO UNIVERSITARIO ? (4) "Se já existe um tal serviço (turismo universitário) devidamente organizado pelas AAEE que tem cumprido cabalmente a sua missão, porque aparece agora um organismo totalmente estranho às AAEE, esse "CITU", pretendendo desenvolver o mesmo tipo de actividades ?

Não nos esqueçamos que, se o "CITU" é totalmente estranho às AAEE, não é de forma nenhuma estranho ao Ministério da Educação Nacional. E assim já as coisas se começam a esclarecer.

**C I T U ?**

Na verdade, ao ser criado por insipiração governamental, o "CITU" pretende, para além de confundir os estudantes sobre as suas verdadeiras intenções, contribuir para realizar um objectivo que muito satisfaria o MEN - a derroca da prestação de serviços aos estudantes organizada pelas AAEE. De facto,

que pretende o CITU senão fazer concorrência às AAEE no campo de intercâmbio e de turismo, e contribuir desse modo para a liquidação desses mesmos serviços ?

...Nessa política governamental se integram precisamente os chamados "Serviços Sociais" da Universidade criados pelo M.E.N. no início deste ano lectivo."

(4) - "boletim" nº4 de abril de 67, órgão da Associação de Estudantes do I.S.C. E.F.

# RIA

TRABALHO      FEDERATIVO

As estruturas federativas debatem-se actualmente com alguns problemas graves. Talvez uma excessiva viragem para a escola tenha levado, por vezes, a uma perda do espírito federativo e a posições que se radicaram durante o ano em algumas escolas (AEIST e Ultramarinos) que defenderam a dada altura que o Secretariado da RIA fosse substituído por uma direcção rotativa das Associações. Em defesa da sua proposta o IST argumentou com o mau trabalho do Secretariado da RIA no ano transacto e com a dificuldade em constituir um Secretariado com dirigentes qualificados, e com o facto de o momento associativo ser de recuo (pelo que a RIA teria apenas uma função de ligação e coordenação entre as Escolas. Não há dúvida que há uma certa perda de perspectivas sobre a melhor maneira de fazer frente à repressão governamental e sobre os rumos táticos do movimento.

No final do ano lectivo a situação pode resumir-se como segue:

(1) "A RIA, órgão de cúpula do movimento associativo ao nível federativo, reflecte neste momento os problemas internos de cada Associação. São eles a falta de quadros. Realmente, pode encontrar-se aqui a causa primária do deficiente trabalho executado durante o actual ano lectivo, além de que o Secretariado trabalhou somente com três elementos o que originou uma acumulação de trabalho bastante grande, cingindo a RIA a um organismo que seguia os acontecimentos em vez de os dirigir.

Aliás nas outras estruturas federativas, o problema é o mesmo. O trabalho federativo produzido foi quase nulo. A

Semana Cultural das AAEE reflectiu estes factos."

(3) "O trabalho da RIA tem mostrado os seguintes defeitos principais: falta de perspectivas gerais de actuação, não planificação do trabalho a desenvolver, ausência de coerência pensamento-acção por votações sem consequências práticas, inexistência de disciplina do Movimento, falta de capacidade de iniciativa e de poder executivo por parte das estruturas federativas, democratização das reuniões com discussões intermináveis sem resultados práticos, posição geral das escolas atacando-se mutuamente em lugar de procurarem chegar a acordos (linha de acção estabelecida em comum) mostrando as posições mais aconselháveis. Tudo isto faz-nos concluir que o trabalho federativo deverá estar bem assente no trabalho interno sendo portanto de criticar o trabalho das AAEE e não da RIA como estrutura em si!"

Acções federativas desencadeadas durante o ano lectivo:

- As AAEE de Lisboa promoveram a realização, de 10 a 16 de Abril da "Semana Cultural", que se pode classificar como uma das realizações de maior envergadura levada a efeito este ano a nível federativo.

Música, Cinema, Pintura, colóquio sobre 'Sindicalismo Estudantil e problemas pedagógicos', Teatro, Colóquio sobre 'A Universidade e a Cultura', Desporto, foram os temas que preencheram os sete dias da Semana Cultural das AAEE.

- As AAEE lançaram este ano uma campanha para obtenção de descontos nos me

meios de transportes de Lisboa. Para tal apresentaram exposições e tiveram contactos com a Carris e com os vereadores da Câmara Municipal de Lisboa, lançaram um abaixo-assinado aos estudantes e informaram-nos através de vários comunicados. Do processo resultou: "a concessão de descontos a estudantes será provável, caso a Comissão de Arbitragem venha a sancionar o pedido de aumento de tarifas formulado pela Carris".

Apesar, no entanto, de já ter sido tornada pública a conclusão da Comissão de Arbitragem que "pode ser considerada satisfatória tanto para a Carris como para a Câmara M.L.", conforme afirmava a imprensa diária, ainda não foram concedidos os descontos aos estudantes.

- Cantina da Cidade Universitária - A comida tem piorado bastante. A RIS (Reunião Inter-Sociais) começou a debruçar-se sobre o assunto, tendo decidido: desmistificação da actual estrutura, inquérito aos utentes e abaixo-assinado de protesto.

Um grupo de comensais das Faculdades da Clássica (continua a ser proibida a entrada na Cantina de estudantes da Técnica) publicou uma Carta aberta aos comensais em que, depois de se historiar o processo da gestão da cantina, se apontam as suas principais deficiências nos aspectos de alimentação, higiene, bichas, utensílios, horários e aquecimento.

- Serviços Sociais - Foi distribuído nas Escolas um comunicado das AAEE (tendo em anexo o decreto que cria os serviços sociais) e que transcreve o "Memorandum entregue ao grupo de trabalho sobre a situação económica dos estudantes universitários". Nesse memorandum as AAEE davam a conhecer ao grupo de trabalho os "principais pontos sobre que hão-de incidir os seus posteriores reparos" em relação ao decreto-lei 47 206, que cria os serviços sociais.

Começam por manifestar a sua discordância acerca do modo de elaboração do diploma, sem prévia audição da Universidade (professores e alunos) e afirmam que "a via governamental de resolução dos problemas universitários se tornou normal, relegando para a excepcionalidade a via universitária de resolução dos mesmos". Insurgem-se, de seguida, contra uma Reforma Geral de Ensino que venha a seguir os mesmos trâmites do decreto que cria os Serviços Sociais. Pronunciam-se contra o facto de o MEN se ter aproveitado para criar os Serviços Sociais, da experiência do CUP (precisamente aquela organização onde a prestação de serviços é mais precária e menos aperfeiçoada) rejeitando a capacidade de direcção e o riquíssimo material de experiência das AAEE. Chamam a atenção do grupo de estudos para o facto de com o decreto, ou se pretender criar serviços concorrentes com os das AAEE (o que não parece possível dada a experiência passada, sobretudo a de Lisboa, em que a concorrência movida pelo Centro Universitário às Associações, conduziu aquele à quase completa estiolação) ou, como parece mais lógico, se pretende retirar os serviços das AAEE e entregá-los a gestão alheia "o que seria por nossa parte perfeitamente inaceitável". E o comunicado termina reafirmando a sua confiança no grupo de estudo, que traduz a cooperação entre professores e alunos no tratamento dos problemas da Universidade.

- Está prevista a saída de um jornal federativo (poderá já ter saído aquando desta publicação).

- (1) - Programa da candidatura à Direcção da AEISCEF, 67/68
- (3) - Programa de candidatura à Direcção da A.E.I.S.T., 67/68

## AGRONOMIA

É uma Associação que sempre tem participado no movimento associativo. O número dos seus sócios e colaboradores tem vindo a aumentar, assim como alargou o campo das suas actividades. A Escola e a Associação têm tradições no campo de colaboração professores-alunos: o Conselho Escolar tem defendido sempre os estudantes e a Associação nos momentos de crise, os professores colaboram em várias iniciativas e realizações estudantis (ex. colaboração na revista "Agros").

Foi a Associação de Agronomia que esteve na base da criação da Cooperativa "Livrelco".

Com a participação dos Antigos Alunos realizou-se uma semana e um Seminário de Estudos Agronómicos, como primeiro passo para uma reforma do ensino de agronomia.

Teve lugar em fins de Janeiro uma Feira do Livro promovida pela Associação, em cooperação com a Livrelco.

- No dia 26 de Fevereiro o Grupo Cénico promoveu um colóquio sobre teatro universitário, que foi dirigido pelo dr. José Carlos de Vasconcelos.
- Realizou-se de 28 de Fevereiro a 7 de Março um ciclo de palestras sobre temas socio-económicos. As conferências versaram sobre: "Alguns aspectos da pequena exploração agrícola" e "Situação actual do Alentejo".
- A Associação tem promovido, em colaboração com o C.C.U.L., sessões de cinema (curtas e longas metragens).

## BELAS-ARTES

Depois da vaga repressiva de 65, não tem sido possível incrementar o trabalho da CPA, e nem mesmo eleger uma Direcção ou criar as secções fundamentais. Há

realizações desgarradas (Semana de Recepção) e esforços isolados, sem continuidade o que é tanto mais de estranhar quanto a escola possui problemas pedagógicos extremamente agudos.

- Ultimamente algumas realizações têm sido levadas a cabo: exposição fotográfica (IST de 13 a 18/3), um colóquio subordinado ao tema "Relações entre engenheiros e architectos" (14/3) e editou um pequeno boletim informativo "VER".

## CIENCIAS

É uma das escolas com maior número de alunos de Lisboa (cerca de 3 000). Nos anos de 63/64 a Associação chegou a ter cerca de 1 500 associados, com um número elevado de secções e colaboradores. Em 1965, o reitor-polícia Paulo Cunha, com o apoio das minorias fascistas e da polícia de choque e Pide (chamadas para protegerem o acto de posse) a nomeação de uma Comissão Administrativa, com uma reacção mínima da parte dos estudantes. A Comissão Administrativa foi reconstituída e reempossada em 66/67.

A actividade da Associação na direcção da Comissão Administrativa mau grado todos os apoios ministeriais e coações, baixou imenso: o número de sócios passou a cerca de 300, os colaboradores a uma escassa dezena (fascistas), as secções não funcionavam na sua grande maioria (salvo as de prestação de serviços).

"No entanto e apesar de todas as dificuldades e limitações, os colaboradores da A.E.F.C.L. vêm produzindo trabalho, procurando atenuar os nefastos efeitos da acção da Comissão Administrativa.

Neste sentido levaram a cabo (65/66) uma Semana de Recepção aos Novos Alunos, tem sido publicado regularmente o "ELO", publicação de carácter



BOLETIM DO MOVIMENTO ASSOCIATIVO DA FACULDADE DE CIÊNCIAS DE LISBOA

formativo e informativo (nº1 nov.66; nº2 dez.66; nº3 fev.67) bem como vários "Suplementos Informativos" desta mesma publicação (nº4 de 1/3/67 sobre o pedido de convocação de uma Reunião Geral de Alunos é o último exemplar deste suplemento que possuímos). Editado pelos Grupos de actividades pedagógicas da F.C.L. saiu o primeiro número dos "Cadernos Pedagógicos" nos quais se focam problemas de ensino na F.Ciências.

Naturalmente a primeira reivindicação do M.Associativo da F.C. é a realização de eleições na Associação, reivindicação que vem expressa em todos os seus documentos. Numa carta aberta ao Corpo Docente pode ler-se: "A nomeação em 3 de Maio de uma Comissão Administrativa para a AEFCL veio estabelecer uma situação anormal que urge levar a bom termo". "E contra tal atitude, que todos os estudantes, e não só os da F.C.L., devem reagir, protestando através das suas Associações, exigindo a realização de eleições livres para o restabelecimento da vida associativa na F.C.L." - afirmam as restantes Associações de Estudantes.

Em 1961/62 o número de associados andaria pelos 1 200. Nos anos seguintes, verifica-se uma enorme diminuição (300 em 62/63, 400 em 63/64), o que se poderá atribuir não só aos efeitos negativos da crise de 62 e à perturbação dos seus dirigentes, como também ao aumento de quota previsto nos Estatutos de imposição ministerial (de 50\$00 para 100\$00, com joia de 60\$00 para os launos do 1º ano) Desde o ano transacto verifica-se de novo uma tendência para aumentar o número de associados: 850 em 65/66, 400 em Outubro de 66.

Este ano a Direcção eleita em Novembro de 66 era constituída por: Presidente - Amadeo Sabino; V.-Pres.- António Duarte Silva; Tesoureiro - Luís Lobo; Secretário - José Martins Soares; Vogal - João Raposo de Magalhães; Adjuntos - José Paulo Gascão Nunes e João Mário Mascarenhas.

A A.A.F.D.L. publicou durante este ano o respectivo "boletim" bem como vários números de um boletim de Propaganda. A Secção Cultural da Associação levou a cabo os ciclos "A Mulher na Sociedade Contemporânea" e "Factores Sócio-Aconómicos na História de Portugal". Participaram no primeiro a Drª Natália Nunes, Sophia de Mello Breyner Anresen, Isabel da Mªrega, Dr. Augusto da

DIREITO

Costa Dias, Dr. Urbano Távares Rodrigues, Dr<sup>a</sup> Maria de Lourdes dos Santos, Dr. Sérgio Ribeiro, Dr<sup>a</sup> Leonor da Palma Carlos, Prof. José Esteves; e no segundo o Dr. Armando de Castro, Dr. Borges de Macedo, Dr. Augusto da Costa Dias, Dr. Joel Serrão.

Ainda sobre o Ciclo da mulher, que deu lugar aos incidentes que são conhecidos, o boletim da AAFDL afirmava: "Proibido pelo Director da Faculdade de Direito, o colóquio final do Ciclo da Mulher trouxe à sala da Associação do Técnico mais de um milhar de pessoas que durante três horas participaram ou assistiram ao último passo do que cremos ter sido a mais importante realização do ano associativo. A este nível de luta sindical, não podia haver mais adequo do protesto contra uma injusta e ingenuamente inesperada prepotência: depois da reacção espontânea e violenta dos oitocentos ouvintes da sessão anterior -- reacção contra a suspensão do colóquio e contra a conduta incorrecta do Prof. Palma Carlos -- depois de dois comunicados em que os problemas são cautelosamente esclarecidos, a presença entusiástica de tão elevado número de estudantes prova não só a viabilidade duma política de progressiva radiação das AAEE nas massas, mas também que depois de dois anos de atrofia reivindicativa, as massas ou conservam, ou geraram por antítese, uma consciência atenta e reagente, a despeito do desenquadrado empirismo dos meios de protesto.

Em relação à atitude do Prof. Palma Carlos que está no incerto termo duma gerência equilibrada e aceitável (não nos iludamos: pela sua formação democrática -- que tentou conciliar com uma nomeação desta ordem -- e porque estes dois anos não levantaram grandes problemas com o interlocutor associativo), lembremo-nos de que é ingénuo esperar duma autoridade universitária que não haja como tal e que não obedeça a quem é mais autoridade ainda. E quando agir no papel de obediente autoridade significa hostilidade aos estudantes e ordem arbitrária, não se espere do agente correcção e cortesia de amigo.

Que se considere o Prof. Palma Carlos por ter evitado isto há mais tempo; mas ao Director da Faculdade (a este ou ao seu sucessor) não perdoaremos nada!"

- Demissão do Director -- Como os seus insistentes pedidos de demissão não fossem aceites pelo MEN, o prof. Palma Carlos resolveu, após os incidentes referidos com o ciclo da Mulher, ausentar-se para Londres, dando assim por consumada a sua demissão. Substituiu-o o prof. Costa Leite (Lumbrales), inimigo das Associações (como se verificou durante a crise de 62), que, por ser professor decano, será o director interino. Surgiram já incidentes entre o novo director e a Associação: tendo-lhe sido pedido um anfiteatro para realizar um colóquio integrado na "Quinzena do Novo Sócio", o prof. Lumbrales recusou-se a ceder-lo, dizendo que levaria o problema para o Conselho Escolar, que também recusou.

- A Secção Pedagógica e a Junta de Delegados apresentaram ao Conselho Escolar uma proposta de criação de Comissões Pedagógicas, compostas de 3 alunos e um professor do curso e tendente não só a melhorar as relações professores-alunos, como também a resolver os múltiplos problemas pedagógicos do curso. O Conselho Escolar rejeitou esta proposta, apesar de ela ter sido votada por unanimidade nos cursos.

- O Grupo Cénico esteve presente no Festival Mundial de Teatro Universitário de Nancy.

- Salas de Estudo (S.E.J.) -- Foi aberto um inquérito sobre as SEJ, com vista a apurar os motivos porque não têm frequência que se esperava (e desejava) e a reestruturá-las. Nas SEJ funcionam serviços: salas de estudo, biblioteca, fo-lhas, bar e sala de convívio.

- "Revista de Estudos Associativos" -- publicação do "Gabinete de Estudos Associativos da AAFDL.

## ECONOMICAS

É uma das Associações com maior capacidade de mobilização e com maior adesão dos estudantes. O seu número de sócios e colaboradores tem vindo a aumentar igualando e superando o nível dos melhores anos (1961-62). O número dos eleitores em 66/67 constitui uma das melhores votações naquela escola. Durante este ano lectivo foi levado a cabo:

- Publicação regular do "Correio do Voluntário" (nº10 em Abril de 67) e a realização de Reuniões de Voluntários para a discussão, fundamentalmente, de problemas pedagógicos.

- Semana de Recepção aos Novos Alunos.

- Curso de Economia Portuguesa, com a participação de elevado número de estudantes e professores, em sete sessões que se desenrolaram em forma de exposição seguida de discussão e "colóquio painel".

- "Economica Lusitania" publicação da AEISCEF, saiu com três números especiais dedicados ao Curso de Economia Portuguesa inserindo neles a "antologia de textos" coligida pelos grupos de trabalho preparatório do referido curso. Dentro em breve serão publicadas as conclusões das sessões de debate que se efectuaram (publicação subsidiada pela Fundação Gulbenkian).

- Trabalho interno do Departamento Desportivo, nomeadamente, a realização de um ciclo de colóquios sobre Desporto, regido pelo Prof. José Esteves e a publicação de um boletim "Desporto Universitário".

- Noite Cultural com a colaboração do coro da Academia dos Amadores de Música.

- Curso de Iniciação Teatral regido por Rogério Paulo.

- Foram distribuídos dois números de "Ensino e Informação" publicados pelo Gabinete de Estudos (inteiramente dedicados a problemas de ensino).

Tiveram lugar as eleições para a Direcção da Associação para o ano lectivo de 67/68. A lista apoiada pelos colaboradores (única) foi eleita com elevado número de votos (quinhentos e tal) tendo a Direcção ficado assim constituída: Presidente - Jorge Moita; Vice-presidente - Rui Manuel dos Santos; V.-Pres. - Rui Pires; Sec.-Geral - Manuel Vieira, Tesoureiro - Artur de Almeida e Silva; 1º Sec. - Ana Lucas; 2º Sec. - Emília Tomás Dias.

É uma escola nova (terá 3 ou 4 anos).

O facto de não depender do Ministério da Educação, mas sim das Corporações permitiu que alguns estudantes expulsos em 65 aí se matriculassem. Foi criada uma CPA que participou em algumas reuniões da RIA em 65/66 e em 66/67 e organizou uma Semana de Recepção.

## ESTUDOS SOCIAIS

Até 66/67 não tinha qualquer estrutura associativa.

Por alguns estudantes da escola foi este ano organizada uma Semana de Recepção. Uma dezena de estudantes desta Faculdade trabalha nas Reuniões Inter-Sociais.

## FARMACIA

"Engrenagem" boletim da AEIIL tem sido publicado regularmente. Os nºs 9 e 10 eram ambos essencialmente dedicados

ao problema do pagamento de cauções por parte dos alunos que utilizam os laboratórios de química. O boletim de Fevereiro de 67 (nºs 11 e 12) trata: posição dos Institutos Industriais no Mundo Europeu, crónica do Inst.Ind.do

## INDUSTRIAL

Porto, entrevista com o Director e noticiário.

A AEIIL só há poucos anos despertou para a colaboração com o Movimento Associativo. Este ano levou a cabo uma Semana de Recepção. Tiveram lugar em Março as eleições para os corpos gerentes e ao contrário do que acontecera o ano passado em que fora eleita uma lista da Mocidade Portuguesa (que seria obrigada a demitir-se a meio do ano) a lista proposta, única a candidatar-se, é constituída por elementos associativos.

## LETRAS

Até 1963 a CPA de Letras funcionou como Junta de Delegados (que elegia a Direcção), com um mínimo de actividades pedagógicas, culturais, sociais, desportivas, etc... A partir de 62 adaptou-se o esquema de organização das AAEE (Assembleia Geral elegia a Direcção); entretanto a Direcção da Escola foi proibindo realizações, actividades e reuniões da CPA e esta não teve força para contornar as dificuldades e para se impôr aos estudantes e à Directora. Nos últimos anos não se tem conseguido realizar Reuniões Gerais para eleger a Direcção. Em 1963, a CPA apresentou uns Estatutos de Associação para que fossem aprovados. Actualmente fazem-se esforços no sentido de pôr de pé a CPA de Letras.

Existe na Escola um Grupo Cénico independente dirigido por estudantes com a colaboração do Prof. Lindley Cintra.

## **MEDECINA**

A CPA pela sua actividade, pelo número dos seus colaboradores e secções, pela adesão dos estudantes às suas realizações e pelo apoio massivo e prestígio de que goza entre os alunos da Escola, trata-se de uma verdadeira Associação e a representante incontestada dos estudantes de Medicina.

Em 66/67 verificou-se um record de votantes na eleição para a Direcção da CPA (620). O número de colaboradores em 66 chegou a andar pelos 200. Funciona em estreita colaboração com a Junta de Delegados cujo Presidente é membro da Direcção. Foi a CPA de Medicina que esteve na base da luta pelos Serviços Sociais (para os quais reivindica a co-gestão estudantil), posteriormente criados pelo Governo (mas sem a participação dos estudantes).

E de salientar o apoio dos estudantes de Medicina ao povo do Vietnam, bem expresso num telegrama em que se afirmavam solidários com os estudantes de Berkley (na altura em luta contra a guerra no Vietnam). Esse telegrama subscrito por cerca de 200 estudantes foi lido durante uma sessão que uma orquestra de Jazz da Armada Americana deu na Faculdade.

Um dos índices mais da força e vitalidade da CPA de Medicina são as lutas (em defesa da sua existência e dos problemas e direitos dos estudantes) e suas realizações, com destaque para as Semanas de Recepção.

No dia 21 de Abril de 1967, "inopinada e inesperadamente a Sala de Alunos da F.M.L. não abriu". Entretanto foi comunicado à Direcção da CPA que a Sala de Alunos seria, encerrada para obras de beneficiação, mudada a fechadura da porta e comunicado à Direcção da CPA que se punha a hipótese de a sala ser no futuro entregue aos Serviços Sociais da Universidade de Lisboa.

A reacção estudantil não se fez esperar: Ampla campanha de informação junto dos estudantes e professores, Reunião Geral junto à saída do Hospital com cerca de 500 participantes, onde foi decidida a realização de um abaixo assinado que recolheu em 24 horas 850 assinaturas, e onde foi também decidida uma ida em massa dos estudantes à entrada do Conselho Escolar onde ia ser entregue uma carta aprovada na Reunião Geral.

A entrada do Conselho Escolar estavam cerca de 300 estudantes."O Conselho Escolar pronunciou-se unânimeamente pela entrega da Sala de Alunos aos estudantes e o Prof. Jorge Horta deu-lhes a garantia, obtida junto do Pr. Kurt Jacobson, Director dos Serviços Sociais, de que os ditos Serviços Sociais não seriam instalados na Sala de Alunos visto ser essa a vontade dos estudantes". Mais, as obras na Sala Grande foram completamente suspensas até terminarem as das outras salas que funcionarão então provisoriamente como Sala de convívio.

Trata-se de uma "Grande Vitória Estudantil" como lhe chamava a CPA no seu comunicado em que informava os estudantes do processo seguido e dos resultados do mesmo.

A lista da Direcção da CPA de Medicina eleita, em princípio, para o ano lectivo de 66/67 era constituída por: Pres. - António Diogo; 1º Vice-Pres. - Luís Metzner Serra; 2º V. - Pres. - Manuel Matos de Almeida; Tes. - António Pinto; Sec. - Paula Valente; 1º Vogal - Henrique Sabino; 2º Vogal - Manuela Louro.

Uma das realizações levadas a cabo este ano foi um ciclo de colóquios subordinados ao tema "Reforma do Ensino Médico" com a colaboração dos principais professores da escola.

Constitui sem dúvida alguma a melhor Associação no campo da prestação de serviços. Existe um regular funcionamento de todos os seus serviços: folhas, papelaria, editorial, cantina, bares, intercâmbio, lar, fotográfica, "Técnica" (revista de engenharia), etc... Existem boas secções: pedagógica, cultural, um Grupo Desportivo com grande actividade e prestígio, e, recentemente, um grupo cénico.

## TECNICO

Entretanto, o bom funcionamento dos serviços do Técnico não é acompanhado por uma similar capacidade de mobilização dos estudantes.

Durante este ano foram publicados vários números do seu boletim "Binómio" bem como um número do novo órgão da sua secção cultural "esteiro". Vimos ainda "Temas Estudantis" publicação da AEIST dedicada ao estudo dos problemas do Movimento Estudantil, abordando o nº2 o "Sindicalismo Universitário de Pax Romana". Entre as realizações levadas a cabo este ano uma das mais importantes foi o ciclo de colóquios subordinados ao tema "O Homem, a Técnica e a Ciência".

Tiveram lugar recentemente as eleições para a Direcção da Associação para o ano lectivo de 67/68 tendo esta ficado assim constituída: Pres. - Fernando Sacramento, 1º Vice-Pres. - Armino Cardoso, 2º V. - Pres. - Luís Leite, V. - Pres. Ext. - Jorge Veludo, Tesoureiro - Manuel Prates, 1º Sec. - Danilo Matos, 2º Sec. - Manuela Mendes, Vogal à Ordem - Paula Fonseca.

As principais realizações levadas a cabo pela Associação Académica do Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina este ano e de que temos conhecimento, foram: - Seminário de Estudos pedagógicos que abordou os problemas de ensino na escola; - Envio regular aos alunos voluntários do Jornal do Voluntário; - Edição do boletim "IBIS" cujo nº3 contém, nomeadamente: editorial, porquê o sindicalismo estudantil?, problemas pedagógicos, a cantina e noticiário interno, das restantes AAEE e internacional (acontecimentos estudantis em Espanha).

I.S.C.S.P.UL.

# LICEUS

da repressão em 65 e de uma subestimação do trabalho interno, nos liceus, em benefício da actividade federativa.

Nos últimos tempos foram levados a cabo um Seminário de Estudos Associativos Liceais e um Congresso dos Estudantes Liceais que tiveram um fraco número de presenças e que revelaram um afastamento das realidades do momento, e, talvez, um certo tomar dos desejos por realidades. Podemos ver as debilidades com que se debate a CPA se nos lembrarmos que Assembleias Gerais da CPA reuniram de 200 a 400 estudantes e hoje dificilmente reúnem 100.

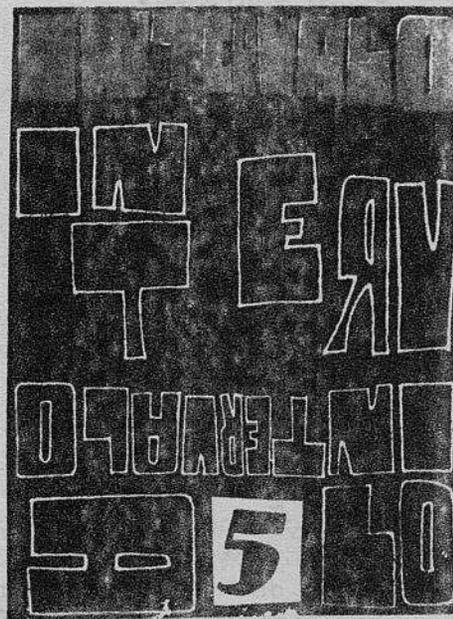
O recente decreto da M.P. vai no sentido de adaptar aquela organização à mentalidade associativa dos estudantes e este facto não deixará de criar novas e acrescidas dificuldades ao movimento associativo liceal.

Durante este ano foi publicado o nº 5 de "Intervalo" - edição da C.P.A.E.E.L.L. - no qual entre outros assuntos se dá uma informação detalhada das actividades circum-escolares nos vários liceus (quer tenham ou não sido organizadas pela CPA).

Entre as muitas actividades internas que tem sido desenvolvidas em vários liceus com choques constantes com os respectivos reitores, salientamos a publicação de "FORUM" no Liceu Gil Vicente e a do boletim "Puxanço" destinado aos mais novos, ainda neste mesmo liceu.

# COIMBRA

A CPA dos Estudantes Liceais de Lisboa (CPAEELL) funciona como qualquer Associação. Sofreu um declínio resultante



Governo contra a vontade dos estudantes.

No dia 25 de Novembro de 66, dia em que os estudantes de Coimbra comemoram a "Tomada da Bastilha", realizou-se uma manifestação silenciosa de protesto contra a Comissão Administrativa. Nela tomaram parte 1 500 estudantes.

Actualmente é à volta do Conselho das Repúblicas que os estudantes de Coimbra se unem. Paralelamente e de uma forma complementar, existem

A Associação Académica de Coimbra continua a ser dirigida por sucessivas Comissões Administrativas impostas pelo

07909



em diversas Faculdades Delegados de Curso e Comissões Pedagógicas. As Comissões Pedagógicas dos Alunos da Faculdade de Direito de Coimbra, eleitas no começo do ano lectivo por cada um dos cursos e que se constituíram em 5 grupos de trabalho (informação a voluntários, inquéritos e mapas de exames, feira do livro jurídico, ciclo de conferências, boletim pedagógico) acabam de editar um Boletim Pedagógico em que abordam os temas: Colóquio de Caen para a reorganização do ensino em França, Reforma do Ensino Jurídico e dão noticiário diverso.

Um número de "o badalo" jornal do Conselho das Repúblicas (editado pelo Secretariado do Conselho das Repúblicas) foi publicado em Abril de 67. Posto à venda este número, como aliás já havia acontecido ao primeiro, foi apreendido pela Pido. Essa operação incidiu tanto sobre exemplares não vendidos como sobre aqueles que já se encontravam na posse dos estudantes que os haviam adquirido. De ambas as vezes, também a actividade da policia foi mais longe do que a simples acção de rua, pois quase todas as Repúblicas foram objecto de buscas.

Por iniciativa da Tuna Académica, os Organismos Circum-Escolares autónomos e o C.A.D.C. decidiram levar a cabo uma jornada de convívio inter-organismos, que deveria ter lugar a 9 de Abril. Tal realização foi proibida por officio do reitor, utilizando este como principal argumento para a proibição o facto de a Associação Académica de Coimbra (dirigida pela Comissão Administrativa) estar ausente numa reunião cujo "ponto fulcral" seria um colóquio sobre a legislação circum-escolar, Associação esta que o reitor considerava como "a mais representativa das instituições estudantis" (apesar de dirigida pela Comissão Administrativa). Os organismos renunciaram à celebração da jornada e deram conhecimento à Academia através dum comunicado meramente informativo dos factos.

# PORTO

Existem nas diversas escolas e estruturas associativas que tem vindo a desenvolver uma actividade regular, são elas: a Comissão Organizadora da Associação de Estudantes da Faculdade de Ciências do Porto, a Comissão Instaladora da Associação Académica da Faculdade de Economia do Porto, a Comissão Instaladora da Associação de Estudantes da Faculdade de Medicina do Porto, a Associação de Estudantes da Escola Superior de Belas Artes do Porto, (em formação), Comissão Organizadora da Associação de Estudantes da Faculdade de Engenharia do Porto e a Comissão Pró-Associação dos Estudantes do Ensino Lical do Porto.

Tendo como principal reivindicação a legalização das respectivas Associações, o Movimento Estudantil no Porto desenvolveu este ano uma intensa actividade com a realização de uma "Reunião de Estudos Associativos" para a qual foram publicados vários documentos preparatórios (carta de Grenoble e documentos sobre o sindicalismo estudantil em França), a publicação do "boletim Economia" da COAAFEP, de dois números de "perspectivas" - boletim informativo e cultural do Movimento Associativo do Porto -, e "INFORMAÇÃO" boletim da comissão pró-associação dos estudantes do ensino liceal do Porto. Além de realizações culturais e outras, as Associações do Porto tomaram nas suas mãos a defesa dos estudantes presos publicando vários comunicados sobre a sua situação e actuando junto das diversas autoridades. Em Maio de 67 encontravam-se presos os seguintes estudantes do Porto: António Francisco Carrelhas Ca chapuz, José Augusto Nozes Pires, José Manuel Garrett Guimarães (liberto no dia 28 de Abril), Carlos Nelsol Amador e António Pires.

A ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DA NOVA FACULDADE DE ECONOMIA DO PORTO, COM O OBJETIVO DE DEFENDER E PROMOVER O INTERESSE DA SUA CATEGORIA COMO UM DOS MEIOS EFICAZES PARA A SUA REALIZAÇÃO ESCOLAR.

PARALELAMENTE, A ORGANIZAÇÃO DO MOVIMENTO DE NOVA ASSOCIAÇÃO, APROVANDO EM SEU ÚLTIMO CONCELHO DE ALARME E ESPÍRITO AD BELLUM O OBJETIVO DE ORGANIZAÇÃO ESCOLAR DE TODOS OS PORTUGUESES, TEMEMOS EM MÃO VISTA O QUE É CONSIDERADO UM INSTRUMENTO DE TRAZER PARA A NOSSA CATEGORIA DE UM INSTRUMENTO QUE NÃO SE ENQUADRA NA TRADIÇÃO DE TRAZER PARA A NOSSA CATEGORIA DE OUTRA CATEGORIA PROVENIENTE DE OUTRA PARTE.

**editorial**

TRAZER PARA A NOSSA CATEGORIA DE OUTRA CATEGORIA PROVENIENTE DE OUTRA PARTE.

SUMARIO	
EDITORIAL	1
INFORMAÇÃO	2
ALGUMAS VOLUNTARIAS	3
PAZEM CULTURAL	4
APLICACAO DAS ASSOCIACOES	5
TRINTEIRO	6

OS ARTIGOS SÃO DA RESPONSABILIDADE DE COAAFEP

Primo (ed. 1967) 1967

UMA PERSOANA DE DIREITO E SERVA DE SOLUCOES PARA OS PROBLEMAS PRODUZIDOS PELA CATEGORIA DE TODOS E UM PROBLEMA CONCRETAMENTE PARA A ORGANIZACAO CULTURAL E O QUE SE ENQUADRA PARA A NOSSA CATEGORIA, LIBERTO A ORGANIZACAO E CATEGORIA DE TODOS.

edicao da secção de informacão-organizacao da COAAFEP



VASCO MC MARTINS

1950 - 1951 - 1952 - 1953 - 1954 - 1955 - 1956 - 1957 - 1958 - 1959 - 1960 - 1961 - 1962 - 1963 - 1964 - 1965 - 1966 - 1967 - 1968 - 1969 - 1970 - 1971 - 1972 - 1973 - 1974 - 1975 - 1976 - 1977 - 1978 - 1979 - 1980 - 1981 - 1982 - 1983 - 1984 - 1985 - 1986 - 1987 - 1988 - 1989 - 1990 - 1991 - 1992 - 1993 - 1994 - 1995 - 1996 - 1997 - 1998 - 1999 - 2000 - 2001 - 2002 - 2003 - 2004 - 2005 - 2006 - 2007 - 2008 - 2009 - 2010 - 2011 - 2012 - 2013 - 2014 - 2015 - 2016 - 2017 - 2018 - 2019 - 2020 - 2021 - 2022 - 2023 - 2024 - 2025

**uepf** c/o **UNEF** 15, rue soufflot - paris 5<sup>ème</sup>